

Teresa Palma Rodrigues: 'A espera de um Vazio'

*Teresa Palma Rodrigues:
'Waiting for an Emptiness'*

MARGARIDA PENETRA PRIETO*

Artigo completo submetido a 1 de Janeiro de 2018 e aprovado a 17 janeiro 2018

*Portugal artista visual e professora.

AFILIAÇÃO: Universidade de Lisboa; Faculdade de Belas-Artes (FBAUL); Centro de Investigação e Estudos em Belas-Artes (CIEBA).
Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT); Escola de Comunicação, Arquitectura, Artes e Tecnologias da Informação (ECAATI). Largo da Academia Nacional de Belas Artes 14, 1200-005 Lisboa. E-mail: emam.margaridaprieto@gmail.com

Resumo: Este artigo é sobre o trabalho desenvolvido nos últimos 5 anos pela artista portuguesa Teresa Palma Rodrigues e que tem como ponto de partida um terreno que baptizou de Zona V (de Vago). A sua obra diversificada é como um jogo de relações entre o que conhece sobre e o que encontra nesse território: as obras geram outras obras, sempre em referência umas às outras, multiplicando as imagens do seu olhar sobre a Zona V (de Vago) e mostrando como o encanto revém da banalidade, na espuma dos dias.

Palavras chave: Territóri / site-specific / object trouve / observação.

Abstract: This article is about the work developed in the last five years by the Portuguese artist Teresa Palma Rodrigues. It has as a starting point a property that she baptized Zone V (from Vague). Her work is diverse and creates a game of relations between what she knows about the observed territory and what she finds in it: each work generates other works, always in reference to each other, multiplying the images of her gaze towards the Zone V (of Vague) and showing how the its charm is a reminiscence of banality, in the foam of days.

Keywords: Territory / site-specific / object trouve / observation.

Introdução

O objetivo deste artigo é dar a conhecer o trabalho artístico de Teresa Palma Rodrigues (Lisboa, 1978), uma artista portuguesa cujo trabalho se situa no âmbito das artes visuais. O título deste artigo, "A espera de um Vazio", recupera o nome de um vasto projecto que agrega as suas últimas criações. O trabalho actual desta artista exemplifica como a curiosidade, aliada ao olhar artístico sobre um determinado lugar no mundo, que denominou como *Zona V (de Vago)* (Rodrigues: 2017), em Lisboa, pode despoletar a criatividade e fazer produzir um leque diferenciado de obras recorrendo tanto a informações de outros (pesquisas geográficas, arqueológicas, projectos urbanísticos) como a informações próprias (levantamentos vivenciais e experimentais) que derivam do contacto quotidiano com o lugar eleito.

A multidisciplinaridade da sua pesquisa teórica e plástica e a pluralidade dos meios e das linguagens visuais que sustentam e dão corpo à obra de Teresa Palma Rodrigues, permitem compreender como a coerência conceptual pode assumir formas e formatos diversos, permitem compreender que a heterogeneidade desta obra é um todo coeso e permitem, ainda, compreender que todo o seu trabalho artístico se estilhaça de modo caleidoscópico em variações, séries, ideias e projectos, num encadeamento de associações livres e sempre bem informadas, próprio a quem pensa com e por imagens.

1. Um passeio por Marvila, Chelas e Xabregas

A obra de Teresa Palma Rodrigues conduz-nos pela mão num passeio por três áreas de Lisboa denominadas Marvila, Chelas e Xabregas. Neste passeio, a artista dá-nos a conhecer esta região de Lisboa através do seu olhar que se funda na arqueologia, na geografia, nos aspectos sociais e laborais destes lugares, na sua cultura, e na experiência pessoal como habitante local, uma experiência de ordem vivencial (Lynch:1960, 11). É por isso que este lugar parece caleidoscópico e tão interessante, porque o seu olhar é diverso, curioso e incansável.

A metodologia do trabalho criativo de Teresa Palma Rodrigues não separa a prática da teoria, o fazer criativo e um pensamento analítico. Pelo contrário. É evidente, na aproximação metodológica que, à medida que a curiosidade da artista é desperta pelo contexto e pelo lugar sobre o qual se debruça, também as ideias para a criação artística se manifestam e concretizam. O rigor da sua obra funda-se no rigor das informações que a originam e mistura-se com uma ética pessoal que se manifesta no apurado humor com que actualiza, por exemplo, os desenhos dos "cavalinhos" das loiças de Sacavém (Figuras 1, 2, 3 e 8, 9, 10).



Figura 1 · Teresa Palma Rodrigues, *A espera de um Vazio*: da série *Estátua ou Cavalinho* — prato preto. 2016. Aguarela e tinta-da-china sobre papel, 65 x 50 cm. Coleção da artista. Fonte da imagem: cortesia da artista.

Figura 2 · Teresa Palma Rodrigues, *A espera de um Vazio*: da série *Estátua ou Cavalinho* — prato rosa. 2016. Aguarela e tinta-da-china sobre papel, 65 x 50 cm. Coleção da artista. Fonte da imagem: cortesia da artista.

Figura 3 · Teresa Palma Rodrigues, *A espera de um Vazio*: da série *Estátua ou Cavalinho* — prato verde. 2016. Aguarela e tinta-da-china sobre papel, 65 x 50 cm. Coleção da artista. Fonte da imagem: cortesia da artista.

O sentido ético de Teresa Palma Rodrigues transparece, com grande subtilidade e diplomacia, como crítica política e social às estratégias da Câmara Municipal de Lisboa e do Governo Português relativamente às zonas de Marvila, Chelas e Xabregas, lugares a partir dos quais as suas obras se engendram.

A narrativa histórica sobre Marvila, Xabregas e Chelas que perpassa nos diferentes trabalhos artísticos de Teresa Palma Rodrigues revela-nos um projecto urbanístico continuamente frustrado nos seus objetivos, continuamente refeito e novamente interrompido, com gentes a quem as expectativas de qualidade de vida e de trabalho foram logradas repetidamente, e onde o atual abandono do património industrial caracteriza uma identidade operária em falência. Mas é justamente este cenário urbano intermitentemente esquecido onde, por isso, muito continua por fazer, que, paradoxalmente, torna possível concretizar um projecto artístico com este rigor, sensibilidade e pertinência.

2. Zona V (de Vago): um espaço vacante

A obra de Teresa Palma Rodrigues funda-se numa experiência em primeira mão onde a artista faz por compreender de que modo um lugar afecta a construção da identidade de quem lá vive e de quem lá trabalha, e questiona como o trabalho artístico em geral e o seu trabalho artístico em particular podem interferir e colaborar na construção dessa identidade (Lippard:2005). Neste sentido, a artista assume-se como um caso de estudo para trabalhar a sua própria questão ao testar-se enquanto artista, quer através da aturada investigação que faz sobre o território que lhe interessa — e que, através da sua obra, passa a interessar-nos a todos –, quer através do seu trabalho artístico que se diversifica com a experiência do lugar onde vive e trabalha, lugar que observa no quotidiano de modo directo (Figura 4) através de desenhos, e de modo indirecto, através do registo fotográfico, lugar onde se passeia e, ainda, onde colabora, através das actividades que propõe fazer com a Junta de Freguesia de Marvila, integrando-se no seu programa criativo e cultural.

Mas, porque o território de Marvila, Chelas e Xabregas é imenso, a artista debruça-se particularmente numa zona que baptiza como *Zona V (de Vago)* (Solà-Morales: 2002). Trata-se de um espaço vacante que se situa no seu horizonte paisagístico, mesmo à frente da janela da sua casa. A denominação *Zona V (de Vago)*, inventada pela artista, revela de imediato a apropriação das lógicas de identificação dos bairros de Marvila onde, cada bairro vizinho tem uma letra que lhe dá nome e permite que todos se distingam entre si. A criativa apropriação da letra “V” é usada igualmente como letra inicial de termos cujo campo semântico e imagético é determinante no contexto da obra de Teresa Palma Ro-



Figura 4 · Teresa Palma Rodrigues, *Série: seguindo a espera de um vazio*. 2014-15. Aguarela sobre papel, políptico. 24,5 x 25,4 cm cada desenho. Coleção da artista.
Fonte da imagem: cortesia da artista.

drigues. Por contaminação, esta letra espraia-se aos títulos das suas obras, a saber, “V” de *Vago* ou *A espera de um Vazio* onde nos é apresentada como uma letra em potência para nomear um determinado lugar e o caracterizar como nostálgico e melancólico. Assim, o “V” de “vago” e de “vazio” implica ainda a noção de “abandono” e estas afinidades semânticas são reafirmadas em expressões como “capital do nada”, “zona não vigiada”, “espaço urbano de ninguém” ou “oficialmente bera” (Folgado: 2004, 358). Por outro lado, há uma vertente paradoxal na obra de Teresa Palma Rodrigues onde a letra “V” representa o “Verde”, o “Vivo” e o “Visto” e/ou a “Vista”, nomeadamente através de associações directas à paisagem e ao modo como, ao longo dos últimos cinco anos, a *Zona V (de Vago)* tem vindo a acolher hortas urbanas ilegais e a transformar-se num campo de cultivo. O “V” está, deste modo, afecto ao verbo ver, àquela observação da natureza que a transfigura em paisagem através de um olhar transformador e esteticizado.

Porém, o território denominado *Zona V (de Vago)* a partir do qual nascem as obras desta artista, se começa por nos mergulhar num campo semântico onde o tom do “V” de *Vago* remete para o “vazio” produzido por projectos frustrados, inacabados, arruinados, ou que nunca sequer saíram do plano das ideias vai, gradualmente, assumir conotações positivas e passa a caracterizar um terreno expectante, onde se abre o campo das possibilidades.

Esta transformação gradual do território chamado *Zona V (de Vago)* tem sido aferida pela artista desde há cerca de cinco anos até ao presente (com perspectiva de continuação) e tem sido espelhada nos seus projectos artísticos. Primeiro, a artista começa por documentar e informar-se exaustivamente sobre território que lhe interessa e que batizou de *Zona V (de Vago)*. Sabe que está reservado para o futuro Hospital de Lisboa Oriental (Veloso:2007), e é por isso que permanece vago, ou seja, sem construção, sem qualquer traço urbanizado, sem as marcas próprias a um território integrado na cidade, à espera.

3. Do lugar à obra. Da observação à concretização

O seu interesse por esta paisagem inicia-se com o clic imediato e diário proporcionado pela fotografia que, por sua vez, dá origem a um vasto arquivo documental sobre aquele terreno (Figura 6). Depois, dentro do seu espólio fotográfico, selecciona pequenos conjuntos. O critério desta seleção é o inusitado — aquilo que a surpreende na espuma dos dias. Trabalha sobre estas fotografias e acrescenta-lhes ou apaga-lhes elementos para que o seu olhar de fotógrafa coincida com o seu olhar de pintora e mostra-nos este território — a nós que olhamos de fora, que lhe somos estrangeiros —, mostra-nos o que os seus olhos

veem: a sua beleza e a sua força, a sua estranheza e a sua banalidade. Os projectos desdobram-se, multiplicam-se, derivam. Mas não são só os seus olhos que se passeiam sobre a paisagem. A artista caminha pela *Zona V (de Vago)* num exercício de trabalho de campo e encontra naquele terreno o que necessita para alimentar a sua imaginação e produzir as mais diversas obras. Assim, através de registos científicos realizados a aguarela sobre papel e cuja delicadeza, qualidade e rigor de representação são incomuns na arte contemporânea, Teresa Palma Rodrigues ilustra rigorosamente os vestígios e os artefactos que encontra no terreno e que guarda como relíquias (Figuras 5 e 7). Estes *objet trouvé* são, também, a matéria prima para outros projectos onde a representação ficcional (porque inventada) de brinquedos, peças de jogos de cartas, fosséis, porcelanas e de faianças é por eles sugeridas (Figuras 1, 2, 3, e 8, 9, 10).

Fragmentos partidos de loiças que já serviram as casas agora arruinadas e que antes foram propriedade de famílias aristocráticas são referenciais àquele passado vivencial e distante daquela que é hoje a realidade deste lugar (Figura 7).

O trabalho de recolção continua com matérias naturais vivas e fósseis, recupera práticas científicas setecentistas e origina *herbários*, quer pela conservação das plantas ali encontradas (através da secagem), quer através de representações a aguarela dessas flores secas provenientes do território em observação (Figura 4).

O *caderno de campo* é apresentado como um livro de artista, aglutinando a pertinência de ambos na atualidade e o artista como um mediador das diversas áreas do saber. Há ainda a criação de mapas e neles estão implícitos métodos e saberes ligados ao mapeamento, à cartografia, à topografia e à geometria. A observação directa é mostrada com a representação de paisagens — esse olhar contemplativo e muito inteligente que esteticiza o real transformando-o num panorama. Este é o olhar da artista — um olhar que ela nos empresta de um modo extremamente generoso e informado.

4. A espera de um vazio: série *Estátua ou Cavalinho*

Como foi dito antes, o conjunto dos objectos encontrados no terreno vai originar não só uma série de trabalhos que funcionam directamente como arquivo, como, depois, são referenciais para um trabalho de representação minuciosa e meta-científica (constituindo os *cadernos de campo*) e, ainda, no caso dos cacos de faiança, sustentam a proposta para um desenho decorativo dos famosos pratos *Cavalinho*. O humor e inteligência visual de Teresa Palma Rodrigues é determinante na elaboração destas aguarelas porque, em vez de serem pratos inteiros, estão, cada um, em falta de um pedaço específico que corresponde,



Figura 5 · Teresa Palma Rodrigues, *Object trouve: Pequena figura de plástico encontrada no terreno.* Plástico azul, 5 x 3 x 1 cm. Colecção da artista. Fonte da imagem: cortesia da artista.

Figura 6 · Teresa Palma Rodrigues, *Agricultor a pulverizar o terreno.* 2016. Fotografia digital, dimensões variáveis (impressão). Colecção da artista. Fonte da imagem: cortesia da artista.



Figura 7 · Teresa Palma Rodrigues, *Object trouve*:
fragmento de faiança encontrado no terreno. 2016. Faiança.
Colecção da artista. Fonte da imagem: cortesia da artista.

Figura 8 · Teresa Palma Rodrigues, *A espera de um Vazio*: da
série *Estátua ou Cavalinho* — prato azul. 2016. Aguardela e
tinta-da-china sobre papel, 65 x 50 cm. Colecção da artista.
Fonte da imagem: cortesia da artista.

formal e decorativamente (na cor e na representação) a um dos cacos encontrados no terreno. Pode ainda verificar-se que as cenas no centro e nos bordos do prato remetem para fotografias tiradas pela artista no terreno ou para as *vistas* que assumem pontos de observação diferentes e que actualizam — porque são vistas hoje — uma visão paisagística e panorâmica sobre aquele território especificamente, do mesmo modo, tornam actual o desenho da loiça *Cavalinho*. Na Figura 4, o desenho central está referenciado num brinquedo de plástico encontrado no meio das terras. A posição deste brinquedo — um homem que caminha de mochila às costas — é identificada numa das fotografias aos agricultores que cultivam as hortas ilegais na *Zona V (de Vago)*. Também este agricultor, com uma mochila às costas, caminha sobre a sua horta.

Nas Figuras 5 e 6, os desenhos decorativos para o prato de loiça estão referenciados nos fósseis e nas plantas encontradas na *Zona V (de Vago)*. É ainda de notar que estes desenhos, embora pareçam estudos prévios para novos motivos decorativos, vão ficcionar o antigo através da representação de fissuras e de efeitos próprios a uma cerâmica estalada pelo uso e do verniz em craquelê. Nestes desenhos há ainda o cuidado de representar sombras próprias e projectadas de modo a criar a ilusão de tridimensionalidade do prato. Na verdade, o grau de mestria técnica de Teresa Palma Rodrigues na execução deste trabalho coloca-o na ordem de uma ilustração científica de carácter documental, remetendo para a imagem fotográfica pela surpreendente verosimilhança que a imagem criada tem com os objectos concretos.

Conclusão

A necessidade de pertença e o sentido de comunidade são essenciais para o ser humano, na medida em que permitem que cada um esteja integrado e se sinta, por isso, em relação com os outros e com os lugares (em vez de sozinho e desabrigado). A criação deste sentido — de pertença e comunidade — é lenta e, no caso de Teresa Palma Rodrigues, deriva de uma experiência na primeira pessoa. Mudar de casa e, neste movimento, habitar um novo território, desconhecido à partida, levou-a à descoberta, a dar passeios e a olhar sobre o (seu novo) mundo. Este movimento alimentou uma crescente curiosidade sobre o território onde se implanta a sua casa e o seu atelier, sobre um terreno específico batizado, por ela, de *Zona V (de Vago)* a partir do qual deriva a sua obra plástica actual.

O trabalho é prolífero: desde fotografias do quotidiano, aos diferentes artefactos transformados pelo gesto criativo em *object trouve*, dos minuciosos e detalhados desenhos a aguarela e tinta-da-china, que tanto se autonomizam como



Figura 9 · Teresa Palma Rodrigues, *A espera de um Vazio*: da série *Estátua ou Cavalinho* — prato castanho. 2016.

Aguarela e tinta-da-china sobre papel, 65 x 50 cm.

Colecção da artista. Fonte da imagem: cortesia da artista.

Figura 10 · Teresa Palma Rodrigues, *A espera de um Vazio*: da série *Estátua ou Cavalinho* — prato anil. 2016.

Aguarela e tinta-da-china sobre papel, 65 x 50 cm. Colecção da artista.

Fonte da imagem: cortesia da artista.

surgem aglutinados por livros-de-artista intitulados *Cadernos de campo*, a tantos outros projectos sedimentados no seu conhecimento e investigação sobre o lugar onde mora e trabalha hoje, Teresa Palma Rodrigues, mostra-nos o seu domínio técnico na qualidade de execução de cada projecto, mostra-nos a sua inteligência apurada e cheia de humor, e o seu sentido ético e moral numa crítica fina que perpassa no seu raciocínio e método de trabalho, nas lógicas de encadeamento das referências ao lugar, em cada desenho, em cada fotografia, em cada objecto encontrado e, particularmente, no modo como os articula e os transforma.

Referências

- Folgado, D. (2004), "*Património Industrial. Que memória?*" in Oliveira Jorge V. (coord.) *Conservar para quê? 8ª Mesa redonda de Primavera*. Porto, Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, DCTP, CEAUCP, pp.355-366.
- Lynch, K. (1960), *A imagem da cidade*, Lisboa, ed. 70.
- Lippard, Lucy (1995), "*Looking Around: Where we are, where we could be*" in Lacy, S. (ed.) *Mapping the Terrain: New Genre Public Art*, Seattle, Bay press, pp.114-130
- Rodrigues, Teresa Palma (2017), *Zona V (de Vago)*, tese de doutoramento em Belas-Artes /Pintura apresentada à Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa.
- Solà-Morales, Ignasi de (2002), *Territórios*, 1ª ed. Barcelona. Gustavo Gili, pp 180-193.
- Veloso, A. B. (2007), *O novo Hospital de Todos-os-Santos*. Palestra proferida na cerimónia de assinatura do protocolo do Hospital de Todos-os -Santos no dia 26-12-2007. Disponível em PDF: <http://cfcul.fc.ul.pt/biblioteca/online/pdf/antoniobveloso/onovohospital.pdf>